

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Diário de Manhã Class.: 36

Data: 02/11/83 Pg.: _____

ESTRADA DO PARQUE (FINAL)

Ilha, campos, aldeia Os Javaé temem o extermínio Índia enterra pássaro

O cacique João Javaé, da aldeia de Boto Velho, no Parque Nacional do Araguaia, Ilha do Bananal, custou a concordar com a rodovia atravessando a reserva. E explica a razão: "Índio vive de peixe. Se entrar muita gente aqui, acaba tudo. E índio estar arruinado". Porém, não desiste da luta pelo controle de uma área dentro do Parque, pois acha que a Ilha é deles: "Foi Deus que deixou nós aqui". Enquanto isso, sua mulher, Maria Javaé, carrega o pássaro de estimação para enterrar no "cemitério".

MAURÍLIO LEMES

Cabeça baixa, com uma profunda expressão de amargura estampada no rosto, a velha índia Maria Javaé, mulher do cacique João Javaé, da aldeia de Boto Velho, caminha devagar pelos campos do Parque Nacional do Araguaia, na Ilha do Bananal. Atrás dela, vêm outros mulheres e algumas crianças, todos em atitude de respeito, formando um estranho cortejo fúnebre.

Nas mãos, a mulher do cacique carrega algo embrulhado num pano. A um pedido, pára, mostra e aí surge a explicação de tudo: um pequeno pássaro de cor amarela e com pintas negras, morto. "Morreu meu bichinho e vou enterrar ele no cemitério. Fiquei triste de morrer meu bichinho", lamenta a índia.

Depois, Maria Javaé conta como ocorreu a morte. Foram os homens da Sucam que haviam passado pela aldeia e jogado DDT em toda parte. O resultado foi o envenenamento do pássaro de estimação, com alguns papagaios, pintos e galinhas também tendo a mesma sorte. "Eu falei: Não pode passar DDT aí. Mas os homens passaram".

Maria não foi obedecida e, por isso, leva mais um "defunto" para o "cemitério". A princípio, a impressão é de que essa atitude não passa de um costume indígena. Mas a explicação que a índia dá é muito mais razoável e sábia: "Vou enterrar para outro animal não comer, pois senão vai morrer envenenado também".

não acredita

Mas esse tipo de sabedoria

indígena parece não ter sido descoberta ainda pelos "brancos" ou "cristãos" — como os índios os chamam — de Barreira da Cruz, Cristalândia e outras regiões vizinhas àquela parte da Ilha do Bananal. Pelo menos é o que demonstram nas conversas informais, em que o índio continua sendo aquele ser "preguiçoso, sem capacidade de iniciativa".

Esse desprezo pelos indígenas se mostra de maneira ainda mais acentuada quando, nas rodinhas, muitas comentam, em tom de despeito: "Além de não valerem nada, os índios têm toda a proteção do governo. Eles podem pescar e caçar onde quiserem na Ilha que não acontece nada. Com nós, é diferente: se matar um bicho ou pescar um peixe, estamos multado pelo povo do IBDF". Os autores das afirmações preferem não se identificar.

não cumpriu

Mas a verdade é que essa proteção oficial aos índios não é tão perfeita como os "cristãos" pensam. Um exemplo disso é a situação dos Javaé que vivem em tribos espalhadas pelas margens do rio do mesmo nome, no Parque Nacional do Araguaia, Ilha do Bananal. O cacique João Javaé, da aldeia de Boto Velho, conta que entregou o que tinha em gado e tropas de cavalos a fazendeiros que exploram o local com seus "retiros", e até hoje não recebeu nada em troca, como lhe prometera o "rapaz da Funai".

O filho do cacique, Antônio Tiauí, intervém para revelar que os índios sempre estão sendo enganados: "Vem o branco, bonzinho, adulando, invade e



Antônio Tiauí, índio Javaé
Contra a rodovia.
Ciúmes da Ilha

depois quer mandar índio embora". As pressões nesse sentido, acrescenta, não faltam: "Um dia veio um fazendeiro que tem 200 cabeças de gado aqui na Ilha e deu dois tiros no meio da aldeia. Meu pai queria amarrar ele, mas depois deixou ir embora".

conversa

Como se isso não bastasse, continua Tiauí, existe um esquema de confundir os índios por meio de boatos: "É tanta conversa. Ficam dizendo que o IBDF vai tirar a gente daqui por esses dias. Isso não pode, pois toda vida somos daqui". Com o que concorda plenamente o velho cacique João, que, com voz pausada e firme, acrescenta: "Quem deixou a gente aqui foi Deus. Por isso nós quer terra nossa. Precisamos terra nossa. Cansei de dizer para Funai".

No mesmo dia que dava essas declarações, João Javaé partia para Brasília, onde, mais uma vez, iria reivindicar a área que acha que lhe pertence no Parque Nacional. O cacique iria pedir também um posto de saúde, uma "avoadeira" (lança motorizada) e um trator que autoridades federais prometeram à sua filha Lucilene,

"para plantar um alqueire de roça".

A promessa da máquina, de acordo com as palavras dos índios, fora feita como forma de convencer o cacique a desistir de sua ferrenha resistência à construção da rodovia cortando a Ilha. Se vai receber o prometido, ninguém tem certeza. Mas quanto à abertura do alqueire de chão para plantar roça, "o povo do IBDF disse que não podia". Nesse ponto, o filho do cacique explode: "Faço a coisa onde eu quiser, pois a área é nossa".

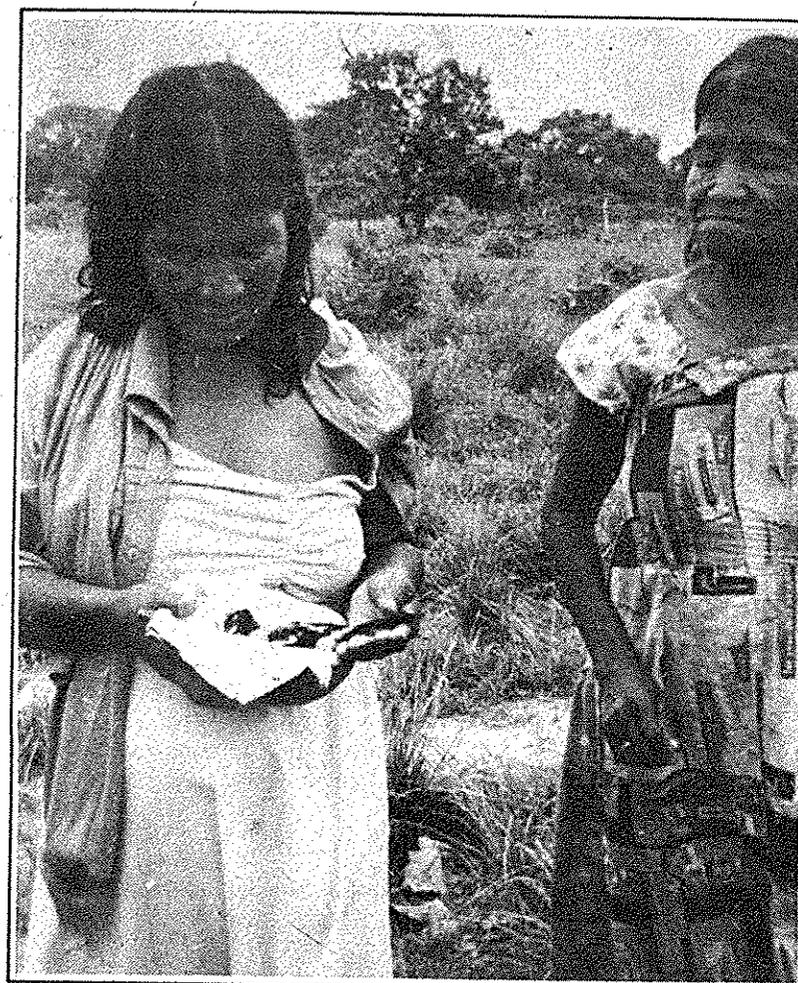
crentes

Depois disso, na aldeia de Boto Velho só estão Antônio Tiauí, de homem adulto, as mulheres e as crianças. O pai, João Javaé, está a caminho do Distrito Federal e os demais índios "mariscando peixe", mais na cabeceira do rio Javaé. A tribo é composta de 53 pessoas, com costumes tão do mundo dito civilizado, a ponto de todos terem se tornado crentes, convertidos por um pastor da Igreja Assembléia de Deus de Cristalândia.

No pequeno abrigo de paupique e cobertura de palha, sentado num banquinho de madeira, com a esposa por perto e em meio ao barulho de galinhas, cachorros e gatos, Antônio conta que gostou da mudança de religião. Antes era católico, quando bebia e fumava muito, o que agora não faz mais. De vez em quando, uma ou mais índias colocam as cabeças para dentro do cômodo e conversam com Antônio em sua linguagem própria, um costume que nunca abandonaram.

aruanã

Outra tradição que os Javaé ainda preservam é a dança que chamam de Aruanã. De rosto e corpo pintados, vestidos de tanga e usando outras indumentárias, eles formam uma roda, cantam e dançam: "Reúne aquela turma e sai dançando", resume Antônio Tiauí, enquanto liga o seu rádio e toca fitas para mostrar a música usada no ritual. E aproveita para



Maria Javaé, mulher do cacique João, e a companheira
Tristeza pela morte do passarinho de estimação

fazer um convite: "Quando a turma chegar da mariscagem, vai ter dança. Se você tiver por aí, vem cá".

Quando à maneira de se alimentar, os Javaé continuam divididos. Os mais novos, assegura o filho do cacique, "comem igual o branco"; já os mais velhos "não gostam de comida de cristão": preparam o arroz, feijão ou qualquer outro alimento sem qualquer tempero. Com relação a roupas, vestem-se como cidadãos normais.

dinheirinho

Exatamente por causa dessas mudanças de costumes, confessa Tiauí, é que os índios sempre estão necessitando de "um dinheirinho". Por enquanto, o que ganham se resume nas poucas vendas de arcos, flexas, bordunas e outros enfeites feitos artesanalmente, adquiridos por eventuais visitantes da Ilha, principalmente pescadores.

Mas Antônio quer aumentar esse rendimento em dinheiro e acha que isso só é possível com o controle da área de terras que os Javaé reivindicam. Antes que o índio colocasse essa alternativa, contudo, dois moradores vizinhos da aldeia davam uma sentença contrária: "Se ganharem a área,

não vai ficar um branco aqui. E, nessas alturas, os índios não conseguirão mais viver sem os brancos. Vão morrer de fome".

obstáculos

Mas Antônio Tiauí não se dá por vencido. Garante que assumindo esse controle, os índios vão melhorar sua situação de vida. E arremata: "Quando ganhar essa área, vamos botar quente. Gente de fora só pode pescar para comer. Por isso que temos ciúmes de entrar carros demais na Ilha, com a nova estrada, porque pode acabar tudo. E nosso produto é peixe; o de vocês, cristão, é gado".

Nesse instante, o barulho de um Jeep chegando à aldeia coloca os índios em polvorosa. Mulheres e crianças saem correndo de um lado para outro e Antônio faz o mesmo, não sem antes esclarecer: "São os homens da floresta", como chama os fiscais do IBDF. De fato, são os guardas e seu inspetor, na oportunidade comandados por um funcionário do IBDF em Goiânia — o mesmo que determina imediatamente a apreensão do material fotográfico e de anotações da reportagem, sem aceitar argumentos, alegando falta de autorização para o trabalho no interior do Parque Nacional.